

Discussão sobre a prática escolar de análise linguística em perspectiva dialógica/

The discussion about the school practice of language analysis in the dialogic perspective

*Herbertt Neves**

Professor da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil. Doutor em Linguística pela UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>

*Evanielle Freire Lima***

Formadora da Rede Municipal de Campina Grande - PB. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

 <https://orcid.org/0000-0001-7509-9410>

*Lindiane Maria Gomes****

Professora da Rede Estadual de Pernambuco. Mestranda do Profletras pela UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0001-7261-742X>

*Larissa Evelyn Santos Oliveira*****

É professora efetiva da rede estadual de Pernambuco e da rede privada de ensino com experiência na área de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Também é aluna do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

 <https://orcid.org/0000-0003-0062-5310>

Recebido em: 07 set. 2022. **Aprovado em:** 12 set. 2022.

Como citar esta resenha:

NEVES, Herbertt. LIMA, Evanielle Freire. GOMES Lindiane Maria. OLIVEIRA, Larissa Evelyn Santos. Discussão sobre a prática escolar de análise linguística em perspectiva dialógica. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 428-434, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8160248>

*  herbertt_port@hotmail.com

**  nielle.ufcg@gmail.com

***  srta.lindiane.gomes@gmail.com

****  larissaevelyn16@hotmail.com

PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). *Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa*. São Carlos: Pedro & João, 2021. 529 p.

O tema da Prática de Análise Linguística (PAL) entrou para as discussões no ensino de língua materna no Brasil desde a década de 1980 e até hoje está presente na Linguística Aplicada. Esses mais de 30 anos, no entanto, ainda não fizeram com que a PAL se fixasse efetivamente como uma prática pedagógica nas aulas de português. Muitas são as dúvidas que os professores têm, especialmente no trabalho com a gramática, uma das faces possíveis de se abordar na PAL, mas não a única. Outra questão que também envolvia o tema era a escassez de obras de referência destinadas exclusivamente a discuti-lo. Na maioria das vezes, ao se mencionar essa noção em artigos ou capítulos avulsos de livros, sempre se reportava aos textos de Geraldi (1984) ou Mendonça (2006), responsáveis, respectivamente, por fundar a discussão no Brasil e ampliar sua divulgação entre o público docente.

Mais recentemente, novas obras têm surgido com o objetivo central de discutir a PAL, seus fundamentos e propostas de aplicação na aula de língua. É nesse contexto que surge a obra *Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa*, organizada por Rodrigo Acosta Pereira e Terezinha da Conceição Costa-Hübes e publicada pela Editora Pedro & João (2021). Organizada em 4 partes, a obra conta com 1 introdução e 15 capítulos. Na primeira parte, é discutido principalmente o percurso histórico da noção de PAL. Na segunda parte, são abordados os principais fundamentos epistemológicos e teórico-metodológicos que norteiam a noção de PAL. Na terceira parte, é discutida a reenunção da PAL na BNCC, a partir da noção de análise linguística/semiótica. Na quarta e última parte, são relatadas e discutidas elaborações didáticas a partir da PAL.

No capítulo *Epistemologia teórica do nascimento da prática de análise linguística: décadas de 80 e 90*, Polato e Menegassi realizam, a partir de um panorama das obras publicadas no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 e que sustentaram a noção de PAL, movimentos de leitura que expõem a construção e o posterior e paradoxal silenciamento do tema no país. O texto é encerrado com perspectivas de diálogo entre a PAL e a perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, que irá nortear boa parte das discussões propostas pelos outros autores do livro.

O capítulo *A prática de Análise Linguística: emergência, reenunções, abrangências e produtividade do conceito* visa apresentar a PAL na perspectiva do ensino e aprendizagem de línguas, respaldada teoricamente pela concepção dialógica da linguagem e do sujeito. Para tanto, Rosângela

Hammes Rodrigues destaca o surgimento do conceito da PAL como uma ação reativa ao movimento tradicional do ensino de língua vigente. Ao fazer referência às três unidades básicas de ensino de português, segundo o conceito de análise linguística, conforme proposto por Geraldi (1984), a autora realiza uma interessante associação com o tradicional *trivium* das disciplinas Retórica, Poética e Gramática e ressalta que a proposta mais atual realiza uma articulação orgânica que tem por objetivo alcançar o domínio das práticas de linguagem pela reflexão sobre a linguagem na interação social. Essa associação permite compreender por que, de certo modo, ainda há discursos, na Academia e no Ensino Básico, que reforçam o conceito de análise linguística como mera troca de nomenclatura.

O capítulo *Sobre a análise da língua: considerações em Bakhtin e Volochínov* dá início à parte 2 do livro. Esse artigo retoma as discussões realizadas por Bakhtin e Volochínov acerca do conceito da enunciação com a análise de excertos selecionados em duas importantes obras, a *Parte III de Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*, de Volochínov (2006 [1929]), e *Os gêneros do discurso*, de Bakhtin (2003 [1979]). De acordo com Pereira e Costa-Hübes, autores do artigo, a proposta é buscar nessas obras orientações, pressupostos e encaminhamentos para o trabalho de análise da língua a partir de um viés sociológico de base enunciativo-discursivo. Embora a proposta do artigo seja revisar as considerações feitas por Volochínov e Bakhtin, notamos uma grande autonomia dos autores ao explicar os conceitos propostos nas obras em análise.

No capítulo *A prática de análise linguística em uma concepção de educação dialógica alteritária*, os autores Sobral e Giacomelli advogam por um processo pedagógico que considere a interação como elemento central da relação alunos-professor. Nesse processo, o professor atuaria como um par mais experiente, responsável por organizar as formas de ensino. O texto contribui para a discussão da PAL em perspectiva dialógica quando explica que essa prática deve partir do estudo dos efeitos de sentido produzidos pelos recursos da língua na materialidade do texto, considerando, sobretudo, o projeto enunciativo, que corresponde, entre outros aspectos, à responsividade do interlocutor, às dimensões sócio-históricas, à entonação e à valoração apreciativa das palavras no enunciado.

O capítulo *Os gêneros do discurso como elementos integradores para/nas aulas de leitura, escuta, produção textual e análise linguística: subsídios teórico-metodológicos* organiza sua discussão em dois momentos. O primeiro diz respeito às questões teóricas que servem de embasamento para a proposta de análise enunciativo-discursiva por meio do trabalho com os gêneros em uma perspectiva

dos Estudos Dialógicos da Linguagem. No segundo momento, a discussão passa a ter encaminhamentos metodológicos, que destacam as possibilidades da PAL ancorada nos gêneros do discurso, como as “questões norteadoras para a análise dos textos-enunciados”. Por fim, o artigo apresenta as etapas para o trabalho com as práticas de linguagem. Dessas etapas, destacamos a primeira, que cita a busca por referências que deem sustentação teórica ao trabalho com os gêneros. A nosso ver, essa etapa garante que a PAL não se torne apenas um trabalho intuitivo e, por vezes, improvisado, mas tenha respaldo teórico-metodológico.

O capítulo *Atividades epilingüísticas valorativas em práticas de análise linguística de perspectiva dialógica* aponta as atividades de linguagem como essenciais à PAL, sendo a atividade epilingüística considerada a haste fundamental para o trabalho dialógico (FRANCHI, 1987; GERALDI, 1991). O artigo apresenta uma discussão acerca do desenvolvimento de atividades epilingüísticas em um plano valorativo, isto é, atividades que levem em consideração o fato de que “não existe discurso privado de avaliações” (POLATO; MENEGASSI, 2021, p. 187). Para além das escolhas linguísticas, os autores afirmam que a construção e a compreensão dos enunciados envolve aspectos como a temática, as relações dialógicas, as valorações cronotópicas, as vozes sociais e entonações e as valorações atribuídas pelo gênero.

O capítulo *Práticas de análise linguística, modalização e referenciação: ampliando e conectando objetos de ensino*, de Márcia Mendonça, cita a incorporação de objetos de ensino como a coesão e a variação linguística, a integração entre os eixos de ensino e a diversificação do repertório de leitura como sinais de avanço no processo de renovação no ensino de língua portuguesa. Segundo o texto, essa inovação, por sua vez, sofre tensões no campo tanto das políticas públicas quanto no acadêmico. Além disso, há uma crítica no que diz respeito ao modelo de aula expositiva enquanto característica do que a autora chama de forma escolar, que mantém o ensino de língua próximo da tradição.

O capítulo que inicia a parte 3 do livro, intitulado *A prática de análise linguística na BNCC: uma análise dialógica das habilidades* se propõe a analisar as habilidades voltadas para o eixo de análise linguística/semiótica de modo a investigar em que medida essas habilidades se aproximam ou se distanciam da teoria dialógica da linguagem. Para tanto, Clerisi retoma questões debatidas nos artigos anteriores, como a noção de enunciado enquanto unidade da linguagem a ser analisada e a participação social dos sujeitos por meio de seus discursos em situações de interação, levando em conta as valorações e os diferentes campos de atuação nos quais transitam esses discursos. Ao pressupor o que

poderia ser encontrado na análise das habilidades, a autora destaca a possibilidade de existência de dois discursos chamados no texto de discurso da tradição e discurso da mudança. O discurso da tradição está relacionado à mecanização da palavra, evidenciado pela exaustiva prática da metalinguagem. O discurso da mudança está relacionado à linguagem subjetiva e complexa capaz de promover mudanças sociais. A pesquisa concluiu que esses discursos coexistem nas habilidades voltadas para a PAL destacadas na BNCC. Assim, esse texto dialoga com uma percepção recorrente de que a Base não assume, como ela indica, uma postura totalmente enunciativa para o ensino de língua.

O texto *Práticas de análise linguística na BNCC: heterogeneidade constitutiva e marcada no discurso*, desenvolvido por Kraemer e Costa-Hübes, propõe “uma análise discursiva [...] das postulações acerca da Prática de Análise Linguística na BNCC” (KRAEMER; COSTA-HÜBES, 2021, p. 283). Para tanto, as autoras se detêm na organização discursiva do documento para avaliar em que momentos o tratamento dado ao ensino da língua(gem), ao mencionar a PAL, se aproxima das postulações defendidas pela perspectiva dialógica e em quais momentos se distanciam dela. Evidencia-se que o documento se organiza sob duas perspectivas, uma mais interacional e outra mais estrutural. As autoras destacam que essa visão conflitante no documento revela uma tendência para a manutenção de um viés estruturalista para o ensino de LP, uma vez que as orientações metodológicas em sua maioria estão centradas em “práticas automatizantes de identificação de elementos e categorias gramaticais” (KRAEMER; COSTA-HÜBES, 2012, p. 319). Como no texto anterior, percebe-se um afastamento de uma visão enunciativa da linguagem nas propostas da BNCC.

Ainda no âmbito da BNCC, Giovani desenvolve o trabalho *BNCC: uma análise da prática de análise linguística/semiótica na alfabetização*, em que será apresentada uma proposta de atividade aplicada para uma criança no período de aquisição da leitura e da escrita que pode ser replicada por outros professores que atuem em turmas do 1º Ano, uma vez que, como bem destaca a autora, “[no documento] Carece, inclusive, de exemplos e propostas de atividades prototípicas” (GIOVANI, 2021 p. 325). Nas palavras da autora, “A BNCC não traz caminhos e/ou exemplos de como o professor pode trabalhar. O que fizemos aqui foi justamente um exercício do que seria possível fazer” (GIOVANI, 2021, p. 343). Embora reconheçamos as limitações da BNCC em sua proposta geral e em diversos pontos específicos, discordamos da ideia de que ela precise indicar caminhos e exemplos de atividade, tendo em vista a natureza do documento.

O capítulo *Análise linguística: da gramática aos efeitos de sentido*, de Rodrigues, Franco e Rohling, encerra a Parte 3 da obra com reflexão sobre os desafios enfrentados por muitos professores em trabalhar nas aulas de língua portuguesa com os aspectos gramaticais sem deixar de considerar o caráter dialógico da linguagem. Para avaliar como o trabalho com os elementos gramaticais vêm sendo abordado atualmente, pós-publicação da BNCC, os autores usam como objeto de análise seis planos de aula de uma plataforma digital que se enunciam alinhados ao documento no eixo análise linguística/semiótica. As análises desenvolvidas evidenciam que, apesar de haver uma tentativa de trabalhar os gêneros de forma integrada (considerando os elementos linguísticos e paralinguísticos), os resultados, na visão dos autores, “mostraram-se insuficientes no que tange à abordagem de atividades com enfoque na análise linguística, mais especificamente no que diz respeito aos efeitos de sentido” (RODRIGUES; FRANCO; ROHLING, 2021, p. 379).

A Parte 4 da obra é introduzida pelo capítulo *Práticas de linguagem em aulas de língua portuguesa na educação básica: leitura e análise linguística*, de autoria de Pereira e Costa-Hübes. Na primeira parte do trabalho, são realizadas discussões sobre os conceitos de interação, discurso, enunciado, gêneros do discurso, esferas da atividade humana, plasticidade genérica, compreensão responsiva de gêneros e ideologia sob a ótica do dialogismo. Esses conceitos estruturam as bases para a proposta metodológica sugerida pelos autores para o trabalho com gêneros constituído de elementos verbo-visual. Pereira e Costa-Hübes reiteram a importância de se analisarem os gêneros do discurso em sua dupla dimensão: o extraverbal e o verbo-visual, reiterando a visão dialógica da obra.

No artigo *Proposta teórico-metodológica de análise linguística em perspectiva dialógica ao trabalho com o pronome*, desenvolvido por Ohuschi e Menegassi, os autores baseiam-se em uma atividade proposta no material da Olimpíada de Língua Portuguesa para o gênero memória literária. Ohuschi e Menegassi observam que no material não é levado em conta o “estilo de linguagem como um elemento constitutivo dos discursos escritos” (OHUSCHI; MENEGASSI, 2021, p. 420). Para tanto, sugerem uma abordagem dialógica voltada para a análise do emprego dos pronomes nos textos propostos no material de apoio como forma de evidenciar não apenas a presença do narrador - elemento central na construção do gênero memória literária - , mas também de seu estilo, uma vez que, os pronomes “marcam o posicionamento valorativo do narrador [...]” (OHUSCHI; MENEGASSI, 2021, p. 440).

No texto *Práticas de leitura/análise linguística com tira em quadrinhos no Ensino fundamental: uma proposta didático-pedagógica*, Fuza e Ritter desenvolvem uma proposta didática para o trabalho com o gênero tira no 6º Ano. Ao tratar dos aspectos relacionados ao gênero, Fuza e Ritter atentam no fato de que todos os elementos que compõem a tira atuam para a construção de sentidos. Partindo para a proposta didática, as autoras escolhem uma tira da personagem Armandinho e desenvolvem uma sequência de questões que exploram num primeiro momento aspectos relacionados à dimensão social do gênero e, num segundo, à verbo-visualidade. De acordo com as autoras, esse tipo de atividade “instrumentaliza o aluno-leitor para a leitura-analítica do texto enunciado” (FUZA; RITTER, 2021, p. 476). Acreditamos que o roteiro desenvolvido nesse capítulo mostra-se essencial para a formação de professores que queriam realizar conscientemente a PAL em suas aulas.

A parte 4 encerra com o artigo *Três gotas de poesia: a prática de análise linguística em uma proposta didática com o gênero haikai brasileiro infantil*, de Lunardelli. Após a apresentação dos aportes teóricos, a autora destina um espaço considerável do trabalho para apresentar as origens históricas do gênero haikai e sua introdução na cultura brasileira, mostrando os pontos de contato e de distanciamento entre a vertente japonesa e a brasileira. A partir de então, Lunardelli apresenta uma proposta didática voltada para o trabalho com a leitura e a análise linguística baseada no gênero haikai. A atividade sugerida foi construída com base no modelo sociológico desenvolvido pelo Círculo e revisitado por Rodrigues (2005) e Costa-Hübes (2015), que orienta dois tipos de análise: a primeira, centrada nos aspectos sociais do gênero, e a segunda, centrada nos aspectos verbo-visuais.

Pelos aspectos que foram levantados sobre todos os capítulos dessa obra monumental, reconhecemos sua importância para a discussão da PAL no Brasil, tendo em vista principalmente seu caráter de exaustão nas possibilidades de trabalho com o tema, dos aspectos e fundamentos históricos às aplicações didáticas. Pelo volume e pelo ineditismo como obra com temática central da PAL, além da relevância para a abordagem do tema, recomendamos sua leitura e sua adoção nos cursos de formação inicial e continuada de professores de língua.